

Sexualidade, cultura e saúde mental: demandas psicológicas dos indígenas homossexuais

Gessica Liara Conceição Moraes¹

Valter da Mata Filho²

RESUMO

Embora sejam diversos os relatos sobre comportamentos considerados homossexuais nas comunidades indígenas, desde a época da colonização, não são raros as pessoas se espantarem sobre a existência de indígenas homossexuais. Desse modo, esse trabalho tem como **OBJETIVO GERAL:** investigar quais as demandas psicológicas dos indígenas homossexuais, para isso, elencaram-se três **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** investigar as percepções dos indígenas acerca da homossexualidade; compreender como é tratada a homossexualidade dentro das comunidades indígenas; investigar os impactos para os indígenas que se assumem homossexuais dentro e fora das comunidades indígenas. Como **MÉTODO:** foi adotada a “Netnografia” por ser aplicável as pesquisas no campo online. **RESULTADOS:** Homofobia 8,57%; Racismo 2,14%; Invisibilidade 6,43%; Resistência 25,71%; Valorização da orientação sexual 32,86%; Valorização da cultura indígena 12,86%; Questões de gênero 5%; Identidade indígena e homossexual 6,43%. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** os indígenas homossexuais além de possuírem demandas psicológicas que são comuns aos homossexuais não indígenas, possuem especificidades que não devem ser tratadas como universalistas.

Palavras-chave: Indígenas. Homossexualidade. Colonização. Homofobia. Racismo.

ABSTRACT

Todavía sean diversos los relatos sobre comportamientos considerados homosexuales en las comunidades indígenas, desde la época de la colonización, aún así las personas se espantan con la existencia de indígenas homosexuales. De este modo, éste trabajo tiene como **OBJETIVO GENERAL:** investigar cuáles son las demandas psicológicas de los indígenas homosexuales, para esto, fueron elegidos tres **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** investigar las percepciones indígenas sobre la homosexualidad; comprender cómo se trata la homosexualidad dentro de las comunidades Pueblos indígenas; investigar los impactos para los pueblos indígenas que asumen que son homosexuales dentro y fuera de las comunidades indígenas. Como **MÉTODO:** se adoptó la metodología de "Netnografía", siguiendo el enfoque de investigación cualitativo-cuantitativo. **RESULTADOS:** Homofobia 8,57%; Racismo 2,14%; Invisibilidad 6,43%; Fuerza 25,71%; Valoración de la orientación sexual 32,86%; Valoración de la cultura indígena 12,86%; Cuestiones de género 5%; Identidad indígena y homosexual 6,43%. **CONSIDERACIONES FINALES:** Los homosexuales indígenas, además de tener demandas psicológicas que son comunes a los homosexuales no indígenas, tienen especificidades que no deben ser tratadas como universalistas.

Palabras clave: Indígena. Homossexualidad. Colonización. Homofobia. Racismo.

¹ Bacharelanda em Psicologia na UNIFAMEC. Gessicaliarah@gmail.com

² Psicólogo e Mestre em Psicologia Social pela UFBA, professor do curso de psicologia na UNIFAMEC. Valdamata@gmail.com

INTRODUÇÃO

O termo “homossexualidade” é designado a uma das mais diversas formas existentes de orientações sexuais, e de modo genérico, refere-se às práticas e o desejo afetivo e sexual entre pessoas do mesmo sexo ou gênero. Dentre essas pessoas podemos encontrar: os gays, as lésbicas e as pessoas que não se identificam e/ou performam binaridade de gêneros e sexualidades. As práticas e os desejos entre pessoas do mesmo sexo ou gênero, nas mais diversas culturas e sociedades, são fenômenos datados de forma tão antiga como a história do próprio homem (TONIETTE, 2006).

A palavra “homossexual” foi utilizada em solo brasileiro pela primeira vez em 1894, pelo autor Viveros de Castro, em *Attentados ao pudor: estudo sobre as aberrações do instinto sexual*, de modo a descrever o comportamento sexual como desviante da normalidade (CASTRO, 1894 *apud* TONIETTE, 2006 p. 45). Muito embora, sejam diversos os relatos sobre comportamentos considerados homossexuais nas comunidades indígenas, desde a época da colonização, esses foram descritos por colonizadores e religiosos, sendo “autores como Gaspar de Carvajal (1540), Padre Manuel da Nóbrega (1549), Padre Pero Correia (1551), Jean de Léry (1557), Pero Magalhães Gandavo (1576) e Gabriel Soares de Sousa (1587), fazem referência à homossexualidade indígena [...]” (FERNANDES, 2016 p.17) aos quais enquadraram seus relatos sobre o comportamento sexual indígena dentro da cultura/moral europeia e religiosa da época.

Em conformidade com o autor Fernandes (2016), ponderaremos para o uso do termo “homossexual” para referir-se as pessoas não heterossexuais nas etnias indígenas, uma vez que, esse termo não é advindo da cultura indígena e será utilizado nesse estudo por falta de um termo mais adequado. Outro ponto, é que este estudo não tem por objetivo identificar em quais comunidades ou etnias indígenas possuem práticas consideradas homossexuais, nem mesmo, fazer comparativos das tratativas realizadas ou recebidas referentes às práticas sexuais entre pessoas do mesmo gênero dentro das culturas indígenas.

Apesar da “homossexualidade” ser uma prática antiga entre os indígenas, os indígenas homossexuais continuam a serem vistos através de uma ótica que não lhes cabem, o da heteronormatividade compulsória. Em conformidade com Silva (2020) é necessário pensarmos o modo que fomos colonizados, a regra de uma sociedade etnocêntrica e heteronormativa, na qual foram-se construindo nos sujeitos categorias de hierarquização. De modo que categorias colocadas socialmente como subalternas, como os indígenas e homossexuais, sofrem

aniquilamento de sua subjetividade e de marcadores sociais quando inseridos em uma sociedade etnocêntrica, heteronormativa e colonialista (SILVA, 2020).

A hierarquização de categorias mantida por valores de uma moralidade excludente, baseada em crenças cristã e ocidentais, pode ser configurado como um estopim para o surgimento das manifestações discriminatórias nas comunidades indígenas, uma vez que, se não indígenas foram afetados pelo processo de colonização, indígenas também foram, acarretando em criação de sentimentos como a estranheza de situações que antes não eram vistas com esse caráter (SILVA, 2020). Já fora das aldeias não é incomum as pessoas se espantarem sobre a existência de indígenas homossexuais, em ambos os casos, dentro das comunidades indígenas e nos contextos urbanos, muitas vezes os indígenas homossexuais não podem ou não se sentem à vontade para expressar sua sexualidade.

A falta de espaços acolhedores e as tratativas recebidas de formas disfuncionais em decorrência da orientação sexual, podem afetar a qualidade do estado mental e emocional, de modo que esses indígenas não se sintam pertencentes a nenhum espaço e/ou grupo social. Segundo Ceará e Dalgarrondo (2010) homossexuais quando expostos a eventos estressantes, como a homofobia, estão mais propensos a desenvolverem isolamentos de ordem psicológica e social. Ainda com os autores, a revelação da homossexualidade é um ponto decisivo na vida dos homossexuais e de grande importância para o desenvolvimento da identidade homossexual (CEARÁ; DALGARRONDO, 2010). É importante salientar, que o afeto e apoio dos seus semelhantes, indígenas e homossexuais, é crucial para a construção das identidades indígenas e homossexuais, bem como, a valorização e manutenção destas identidades.

Levando em consideração as explicações já realizadas, esse trabalho de pesquisa levantou o seguinte problema a ser respondido: quais as demandas psicológicas dos indígenas homossexuais? Tomando como base tal questionamento, esse trabalho buscou analisar narrativas de indígenas homossexuais, para que fosse possível coletar subsídios relevantes para responder o questionamento proposto. Deste modo, tendo como objetivo geral, o presente trabalho se propôs a: investigar quais as demandas psicológicas dos indígenas homossexuais, e para seu alcance elencaram-se três objetivos específicos: a) investigar as percepções dos indígenas acerca da homossexualidade b) compreender como é tratada a homossexualidade dentro das comunidades indígenas c) investigar os impactos para os indígenas que se assumem homossexuais dentro e fora das comunidades indígenas.

Esse trabalho de pesquisa justifica-se pela escassez existente acerca de pesquisas e escritos sobre indígenas homossexuais no Brasil, em especial na área de psicologia. Não

obstante, somos o país que mais mata LGBT's no mundo, de acordo com o relatório realizado pelo "Grupo Gay da Bahia" tendo como base o ano de 2019, publicado em parceria com o "Acontece Arte e Política LGBTQIA+" no portal de "Observatório de Mortes Violenta de LGBTQIA+ no Brasil", a cada 26 horas um LGBT é morto ou comete suicídio no Brasil (GGB, 2020). Sendo o objeto desse estudo sujeitos pertencentes a sigla LGBT e aos povos originários, minorias que têm seus direitos violados diariamente, a presente pesquisa justifica-se na urgente necessidade da atenção e cuidado a essa parte da população que sofre forte invisibilização e ao mesmo tempo é alvo do preconceito e discriminações dentro e fora das comunidades indígenas, que acabam gerando prejuízos emocionais, psicológicos e identitários a este grupo social.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente trabalho é de natureza exploratória, na medida que foram coletados e analisados dados de um fenômeno pouco explorado em pesquisas realizadas nos campos da psicologia. Pesquisas exploratórias têm como objetivo principal proporcionar maior familiaridade com o tema pesquisado, não objetivando a princípio um aprofundamento com as questões pesquisadas (GIL, 2002). Já como método de pesquisa, foi adotado a "Netnografia" por ser adequável aos estudos que envolvam os recursos online, dentre elas, mais especificamente, as redes sociais. De acordo com Silva, "Netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicação mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na internet" (2015 p. 339). Foram selecionados três "perfis" na rede social do "Instagram" para coleta de dados, que juntos somam 39.720 seguidores. Os critérios para seleção dos perfis foram que reunissem nas postagens relatos de vivências da autoria de indígenas homossexuais, e que esses relatos tivessem evidenciando no post ou na legenda que foi realizado por um indígena homossexual e não de outra orientação sexual, já que esse é sujeito de estudo desse trabalho. Os posts e legendas analisadas foram publicados no período de janeiro/2019 até outubro/2021. Seguindo a abordagem de pesquisa quali-quantitativa, foram coletadas e analisadas 140 amostras de posts e legendas. O meio utilizado para a análise de conteúdo, foi a criação de categorias, as quais foram criadas de acordo com as temáticas que apresentavam, ainda nesse sentido, os relatos dos indígenas homossexuais foram analisados dentro de uma perspectiva no âmbito da Psicologia.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 COLONIZAÇÃO DO BRASIL: O BERÇO DA HOMOFOBIA

De acordo com o autor Mott (2006) há pouco mais de 400 anos, em 1613 acontecia no Brasil a primeira morte motivada por homofobia que se tem conhecimento, a vítima era um indígena, mais especificamente da aldeia Tupinambá. Tibira, como ficou conhecido, foi amarrado pela cintura a boca de um canhão no Forte em São Luís do Maranhão. O assassinato do indígena, em público, com outros indígenas e lideranças das aldeias presentes, foi realizado por jesuítas com intuito de espalhar medo e aversão entre os indígenas que cometiam as referidas práticas (FERNANDES, 2016).

Não sendo esse um fato isolado, pois extensos são os escritos sobre as práticas e comportamentos homossexuais encontrados em muitas comunidades indígenas do Brasil, relatadas ainda no período da colonização. Com a chegada dos europeus ao nosso país, muitas práticas indígenas foram condenadas e demonizadas, pautadas em justificativas religiosas, entre elas, as práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo. Sendo alguns desses fatos encontrados na literatura, porém a maioria, senão todos os relatos, possui algo em comum, foram descritos por religiosos, de modo a serem práticas tidas como urgência de penalização e extinção como no seguinte trecho

Ao lado do canibalismo, outros não menos condenáveis vícios era preciso reprimir: a) o hábito irrefreado de "beber fumo", ou petum; b) o gosto do vinho, a que se entregavam incontinentemente; c) a prática da pederastia e da sodomia. [...] **Nesse particular, os jesuítas realizaram uma verdadeira obra de saneamento moral.** (PINTO, 1935, pp. 221-224 *apud* FERNANDES, 2020 p.32) (grifo do autor).

Relatos apontam que antes da chegada dos portugueses, as aldeias indígenas no Brasil e em outros lugares do mundo, enxergavam como naturais tais práticas, inclusive, consideravam-nas como práticas dignas de orgulho e virilidade. No livro de 1576 Tratado da Terra do Brasil, Pero de Magalhães Gândavo relatou sobre as relações afetivas de algumas mulheres indígenas, “Algumas índias se acham nestas partes que juram e prometem castidade, e assim não casam nem conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem no consentirão ainda que por isso as matem” (GÂNDAVO, 1576 *apud* TRATADO DO BRASIL, 2008 p. 69).

Para além das relações afetivas, o autor abordou como algumas indígenas não heterossexuais desempenhavam suas funções dentro da aldeia: “Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fossem mulheres, e cortam seus cabelos da mesma maneira que os machos trazem, e vão à guerra com seu arco e flechas e à caça” (GÂNDAVO, 1576 *apud* TRATADO DO BRASIL, 2008 p. 69). Aqui atentamos para

o fato que na visão do autor, desempenhar papéis tidos como masculinos dentro das aldeias, foi imitação dos comportamentos dos homens e não como um puro desejo da mulher que os desempenhava. No seguinte trecho “enfim que andam sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve e que lhe faz de comer como se fossem casados.” (GÂNDAVO, 1576 *apud* TRATADO DO BRASIL, 2008 p. 69). O autor evidencia as tratativas realizadas pelos colonos para com as relações homoafetivas, bem como a tentativa de apagamento dessas relações.

Fazendo um resgate histórico de como eram as relações sexuais e afetivas de LGBT's em comunidades indígenas no Brasil, o G1 realizou no ano de 2019 uma reportagem “Indígenas e gays: jovens contam como é ser LGBT dentro e fora das aldeias” que traz relatos de indígenas sobre homossexualidade nas comunidades. Na reportagem o ativista e indígena Danilo Ferreira relata: “Na época da minha avó, nas aldeias, quando a mulher se recusava a casar, a família passava a responsabilidade dela para outro parente e, assim, ela se tornava a tia que não podia ter filhos” (G1, 2019). Já o indígena Samuel Luz traz em mesma reportagem: “Perdemos muito com as chegadas das igrejas. O relacionamento com pessoas do mesmo sexo foi sendo silenciado por quem disse que era errado” (G1, 2019).

Muito embora não seja o foco deste trabalho pontuar especificamente sobre a religiosidade no período de colonização, nem sobre o modo como a cultura, práticas e crenças dos indígenas foram misturadas de modo coercivo aos dos colonos, pautados principalmente ao segmento da igreja católica, esse é um ponto significativo a ser levado em consideração no histórico das tratativas da homossexualidade dentro das comunidades indígenas e que verbera aos dias atuais, tanto dentro das comunidades indígenas como fora delas.

3.1.1 HOMOSSEXUALIDADE E SAÚDE MENTAL: IMPACTOS DE SER HOMOSSEXUAL E INDÍGENA NA SOCIEDADE ATUAL

O “homossexualismo” como era chamada a homossexualidade, foi inclusa na 6ª edição da classificação internacional de doenças, o CID, na categoria de “Personalidade Patológica” e na subcategoria de “Desvio Sexual” e mantida na 7ª edição (CLEMENTE, 2019). Entretanto, a Organização Mundial de Saúde defende desde 1990 que a homossexualidade não é uma patologia, distúrbio ou desvio psicológico e isso foi um ganho significativo para os homossexuais e para a comunidade LGBTQIA+ como um todo.

Apesar de ter sido retirado das classes dos diagnósticos patológicos, os homossexuais continuaram a serem atacados de formas corriqueiras em nossa sociedade, agravados quando atrelados a marcadores sociais como raça, gênero e situação econômica. Além dos ataques mais explícitos, é preciso atentarmos que "[...] os homossexuais sofrem de um tipo particular de violência simbólica, porque expostos, mesmo que em diferentes graus, a um esquema de injúria desde a infância" (ERIBON, 2008 *apud* CLEMENTE, 2019 p. 50). Nossa sociedade foi estruturada de forma que há uma validação somente de categorias específicas e "Se pensarmos esse aspecto da sujeição em termos de valorização social, econômica e afetiva, o padrão homem-branco-heterossexual ocupa lugar privilegiado no Brasil" (CLEMENTE, 2019 p. 52).

Desta forma, mesmo os homossexuais sendo um grupo com questões em comum, não é possível afirmar que recebam em mesmo nível toda carga de violência dirigida a sua orientação sexual, em especial, quando possuem menores condições socioeconômicas e são pertencentes a algum grupo étnico como os indígenas e negros (CLEMENTE, 2018 *apud* CLEMENTE, 2019). Diferentemente das pessoas que estão dentro de padrões heteronormativos de gênero e sexualidade, que possuem o privilégio de nunca precisar "confessar" sua orientação sexual, gays e lésbicas estão a todo tempo convidados a expor sua intimidade sexual e afetiva e em muitos casos indagados a "justificar" motivos para suas relações. Em geral, lésbicas que performam mais feminilidade são colocadas em um local na qual para o imaginário heteronormativo precisam responder a sociedade com qual "homem" se decepcionaram ou se já "provaram" da "fruta" para terem certeza de sua orientação sexual.

O contato do homossexual com discriminações é diário, tanto para os gays como lésbicas, mesmo quando a lésbica ou gay possui uma maior "passabilidade", ou seja, possui características de uma feminilidade ou masculinidade, que não os levam de imediato a serem julgados como homossexuais, nesses casos o comportamento homofóbico pode acontecer de forma mais velada. De todo modo, estar em contato diariamente com injúrias, violações de direitos e negação da plena existência, pode implicar em graves consequências. "Assim, a homofobia possivelmente ameaça a auto-estima e o auto-conceito dos sujeitos, reforça o isolamento social e os coloca sob grande risco de auto-negligência, possivelmente afetando a qualidade de vida dos mesmos" (GHORAYEB, 2007 p. 34).

Se focarmos no recorte de raça, possibilita-nos a refletir como são as tratativas com homossexuais que são indígenas, já que poucos são os estudos com indígenas homossexuais no Brasil. Para tentar abordar esse fenômeno, nos voltaremos aos jovens ativistas como Danilo Tupinikim, que tem falado mais abertamente em mídias digitais como é ser um indígena

homossexual em nossa sociedade. Em uma reportagem do “Século Diário” por título “Sofremos duplo preconceito” que relata sobre como é para ele ser um indígena homossexual em nossa sociedade:

"Para mim, ser Tupinikim, indígena, é ser sempre resistência. E enquanto indígena e gay, a gente precisa ser muito resistente, ter muita força e se apegar a algo que acredita para conseguir seguir em frente" Em relação a estar fora da cidade o sentimento de Danilo é que *"Quando a gente vem para a cidade, para o contexto urbano, tem a necessidade de se autoafirmar a todo momento, principalmente porque enfrenta o racismo estrutural e institucional, além do choque cultural de estar na cidade"..."Sofremos duplo preconceito"...'Ué, nunca vi índio gay"* a identidade indígena homossexual carrega um forte marcador de invisibilidade mesmo nos dias atuais. Danilo ainda traz relato de como é ser um indígena homossexual em sua aldeia *"Quando estamos dentro da aldeia não precisa a todo momento ficar se autoafirmando, a gente simplesmente é"*, aqui precisamos atentarmos para o fato que no Brasil são mais de 300 Etnias e não é possível afirmar que em todas as Etnias as tratativas para a homossexualidade seja como na de Danilo (TUPINIKIM, [s.d] *apud* SECULO DIARIO, 2020).

Em uma iniciativa pioneira no mundo, na Austrália foi realizado um estudo sobre indígenas que são LGBTQIA+, de acordo com o ecycle (2021) no estudo foram possíveis que os indígenas explorassem as problemáticas que fazem intercessão a duas identidades que sofrem discriminações, o estudo relata que há ainda um forte sentimento da marginalização e da invisibilidade entre os indígenas, que apesar dos esforços de profissionais e entidades da área, continuam a sofrerem com discriminações, que se tornam ainda fortes quando uma dessas identidades se sobrepõe. Além do racismo enfrentado na sociedade em geral, se tem o fenômeno dentro da comunidade LGBT, uma vez que, por serem LGBT's não estão isentos de cometerem homofobia e outras discriminações.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados encontrados, coletados e analisados foram o total de 140 amostras entre posts e legendas publicadas na rede social do “Instagram”. Para a análise de conteúdo das amostras se deram de forma qualitativa. As amostras foram delimitadas em oito categorias, criadas de acordo as temáticas que os resultados apresentaram. As categorias, a quantidade de

vezes que a temática apareceu dentro da amostra e o percentual, estão apresentadas na tabela abaixo:

Tabela 1- Análise das postagens realizadas por indígenas homossexuais no “Instagram”

Temática abordada	Quantidade de post/legenda	Percentual
Homofobia	12	8,57%
Racismo	3	2,14%
Invisibilidade	9	6,43%
Resistência	36	25,71%
Valorização da orientação sexual	46	32,86%
Valorização da cultura indígena	18	12,86%
Questões de gênero	7	5%
Identidade indígena e homossexual	9	6,43%
TOTAL	140	100%

Fonte: MORAES; MATA, 2021.

a) **Homofobia**

O tema da homofobia foi abordado 12 vezes entre posts e legendas nos dados coletados, representando 8,57% do total da amostra. A homofobia é o preconceito direcionado a grupos de pessoas que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com pessoas do mesmo sexo ou gênero. Expressada nas formas “[...] de agressão física, verbal, sexual ou moral, caracterizando-se por toda a ordem de violência física, psicológica e simbólica cometida contra quem vivencia relação afetivo-sexual com indivíduos do mesmo sexo” (GOMES; REIS; KURASHIGE, 2014 p. 146).

“Mesmo sem entender o que era, estive sujeito ao ódio gratuito”

“Passei a sair da aldeia diariamente e, com a mesma frequência, tive contato com a homofobia”

b) **Racismo**

A temática do racismo foi citada 3 vezes nas amostras dos dados, totalizando 2,14% da amostra total coletada. O Racismo é a discriminação baseado na cor de pele, traços biológicos

e etnia. “O conceito de racismo, segundo as teorias mais recentes, é mais do que discriminar ou ter preconceito racial, é uma ideologia que estabelece relação hierárquica entre características raciais e culturais e dissemina ideias de que algumas raças são, por natureza, superiores a outras” (SILVA, 2005 p. 94).

“Eu já cansei de ver racismo de certos militares pretos apagando indígenas...batendo boca, gritando, humilhando e fazendo de conta que racismo só é contra os negros...treta antiga e cansativa”

c) **Invisibilidade**

Um total de 9 amostras entre posts e legendas, representando 6,43% dos dados coletados, aparece como tema a invisibilidade sofrida pelos indígenas homossexuais. De acordo com Botelho *et al.* (2017), o fenômeno da invisibilidade pode ser entendido como o apagamento da existência e colocação dessas pessoas invisibilizadas a margem da sociedade. A invisibilidade dos indígenas homossexuais é uma questão importante, preocupante e emergente, como pode um grupo ser invisibilizado ao ponto de ter sua existência apagada no imaginário coletivo?

“Acabo de ler que uma pessoa ficou chocada em saber da existência de indígenas gays e trans. É tão difícil de enxergar o indígena como um ser social? Uma vida? Que tem desejos e escolhas?”

d) **Resistência**

Num total de 36 posts e legendas, 25,71% do material coletado, foi abordado o conteúdo de resistência. A resistência é um fenômeno importante na cultura indígena, cultura essa que sofreu muitas violações e apagamentos desde a época da colonização, ainda nos dias de hoje sofre com genocídio e outros tipos violências. Através da resistência é possível manter viva a cultura e seu povo, além de abrir possibilidade de um resgate histórico do que foi apagado ao longo da história.

“520 anos lutando contra a colonização genocida que construiu esse processo de racialização dos corpos, desejos e sexualidades dos indígenas”.

“Eu quero é dar close, porque close é meu protesto!”

e) Valorização da orientação sexual

32,86% dos posts e legendas, um total de 46, foram voltados à valorização da orientação sexual. A valorização da própria orientação sexual refere-se a movimentos para si e para o externo acerca dos seus sentimentos e desejos, que envolve atribuir características e significados positivos, bem como ressignificar, seja termos, símbolos, comportamentos e entre outros, esse tipo de valorização é importante para os indígenas homossexuais, pois através dela é possível a reafirmação e empoderamento enquanto um sujeito homossexual.

“Lésbica com muito orgulho...a autoafirmação foi essencial para mim, pois assim pude me entender e passar o que vivenciei e aprendi sendo indígena LGBTQ+”

“Seja você, mesmo que queiram te impedir. Seja você, para você, não para eles...Seja uma Diva Originária!”

f) Valorização da cultura indígena

A valorização da cultura indígena aparece em 12,86% das amostras analisadas, com total de 18 posts e legendas. É importante que a cultura indígena seja valorizada, pois são povos que desde o processo de colonização veem sua cultura sendo modificada e até perdida. Línguas, cantos, terras, modo de viver e de relacionar-se e entre outros elementos foram sucateados com a invasão dos portugueses.

*“Agora, assino como *****. Meu nome indígena do qual tenho tanto orgulho. Nome que foi me dado pelo Cacique ***** para me significar. Com um significado tão eu que nem sei; Sol. Ardente, brilhoso, energético. E é por ele que quero ser reconhecido”*

“Já vivemos em um mundo que enaltece o padrão branco/burguês, valorizar nossas formas de ser e viver também é um ato político”.

g) Questões de gênero

Com 5% da amostra, 7 posts e legendas foram abordados no contexto de questões de gênero. Muitas culturas indígenas têm seus papéis sociais e a divisão das tarefas como um dispositivo que organiza socialmente as comunidades indígenas.

“Não me encaixe nos seus padrões sociais”

“A violência contra a mulher indígena também é um sintoma do processo de colonização e violação”

h) **Identidade indígena e homossexual**

A identidade indígena e homossexual (gay ou lésbica) foram abordados em 6,43% da amostra, com um total de 9 posts e legendas. A discussão das identidades indígenas e homossexuais permite uma maior possibilidade de reafirmação dessas identidades, bem como, abre discussões nas comunidades LGBT e indígenas visibilizando as questões de especificidades do grupo.

“A gente sofre muitos preconceitos. Por exemplo, você não pode ser indígena e ser LGBT, estar na cidade, nas redes sociais porque senão você deixa de ser indígena”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indígenas homossexuais além de possuírem demandas psicológicas que são comuns aos homossexuais não indígenas, possuem especificidades, e essas não devem ser tratadas como universalistas. Além da homofobia e o racismo, é evidente a tentativa de apagamento da identidade e cultura indígena, agravados quando homossexuais, já que o apagamento do histórico das vivências sexuais é reproduzido por também indígenas, além da sociedade em geral, já que estes aprenderam a homofobia ainda no período da colonização. Evidencia também através desse estudo, a grande necessidade de novas pesquisas sobre essa população e suas especificidades, já que pouco se tem feito para combater as violências verbais e psicológicas às quais esse público está sujeito.

Em decorrência dos estressores aos quais são expostos diariamente como a estigmatização, discriminações como a homofobia e o racismo, a falta de apoio e proteção dos familiares, a heterossexualidade compulsória e em alguns casos “exclusão” da própria comunidade LGBT, e entre outras situações. Essas pessoas correm sérios riscos de saúde mental, uma vez que, os estressores se comportam como fatores que impulsionam, produzem e agravam doenças e sofrimento de vários modos e em variados níveis. Ainda nesse sentido, o estudo aponta para o déficit de iniciativas da profissão de psicologia voltadas aos indígenas homossexuais, além de não possuírem estudos e pesquisas, não há ferramentas e teorias adequadas para acolhimentos e intervenções em níveis psicológicos adequados às especificidades que possuem.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Louise de Lira Roedel *et al.* (In) **visibilidade social: um estudo a partir da fenomenologia social acerca do trabalho dos catadores de materiais recicláveis no município de cerro largo/rs**. Rio Grande do Sul, 2017.

CEARÁ, Alex de Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. **Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice**. Archives of Clinical Psychiatry, São Paulo, 2010.

CLEMENTE, Anselmo. **Diálogos entre saúde mental e homossexualidade: notas sobre produção de subjetividade, sofrimento e opressão**. Unilab, 2019.

INDÍGENAS LGBTQIA+ não sentem acolhimento em nenhuma de suas comunidades, diz pesquisa. **Ecycle**, 25, jun, 2021. Desigualdades. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/indigenas-lgbtqia-nao-sentem-acolhimento-em-nenhuma-de-suas-comunidades-diz-pesquisa/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Descolonizando sexualidades: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos**. Brasília, 2015. p. 32. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19269/1/2015_Estev%3%a3oRafaelFernandes.pdf. Acesso em: 29 set. 2021.

_____. **“Homossexualidade indígena no Brasil: um roteiro histórico-bibliográfico”**. ACENO, v. 3, N. 5. P. 14-38. 2016. p. 16-17. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/download/3849/pdf/0>. Acesso em: 29 set. 2021.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga *et al.* **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil**, 2020. Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <https://observatoriomortesviolentaslgbtibrasil.org/apresenta%C3%A7%C3%A3o-1>. Acesso em: 29 set 2021.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil**/Pero de Magalhães Gandavo. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. p. 69.

GHORAYEB. Daniela Barbeta. **Saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial nas homossexualidades**. Campinas, 2007.p. 34. Disponível em: <https://docplayer.com.br/3867345-Saude-mental-qualidade-de-vida-religiosidade-e-identidade-psicossocial-nas-homossexualidades.html>. Acesso em: 11 nov. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41.

GOMES, Ana Maria; REIS, Aparecido Francisco dos; KURASHIGE, Keith Diego. **Violência e homofobia:** um estudo sobre o preconceito e a agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul. n. 11, 2014 p. 146.

MARQUES, Marília. G1, 2019. **Indígenas e gays contam como é ser lgbt dentro e fora das aldeias.** Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/01/19/indigenas-e-gays-jovens-contam-como-e-ser-lgbt-dentro-e-fora-das-aldeias.ghtml/>. Acesso em: 21 out. 2021.

MOTT, Luiz. **Igreja e homossexualidade no Brasil:** cronologia temática, 1547-2006. In: Congresso internacional sobre epistemologia, sexualidade e violência, São Leopoldo, 2, 2006.

SILVA, Caroline Soares da. **Hixô Lo Kurê:** percepções sobre sexualidades diferenciadas entre os Apinajé / Panhi. Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/ede/10863/3/Disserta%20Caroline%20Soares%20da%20Silva%20-%202020.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

SILVA, Sueli Melo. **Educação e racismo no brasil.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.18, 2005, p 94.

SILVA, Suelen de Aguiar. **Desvelando a Netnografia:** um guia teórico e prático. São Bernardo do Campo, 2015.

TAVEIRA, Vitor. **Século diário**, 2021. 'Sofremos duplo preconceito', diz ativista indígena LGBTI+. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/direitos/sofremos-duplo-preconceito-diz-ativista-indigena-lgbti>. Acesso em 19 nov. 2021.

TONIETTE, Marcelo Augusto. **Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade.** Revista Brasileira de Sexualidade Humana, São Paulo, v. 17, n. 1, 2006. p. 44-45.